
A HISTÓRIA ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA: NARRATIVAS DA MODERNIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO NA CIDADE DO RIO GRANDE (1956 -1961)

THE HISTORY THROUGH PHOTOGRAPHY: NARRATIVES OF MODERNIZATION AND DEVELOPMENT IN RIO GRANDE CITY (1956 - 1961)

Maria Clara Lysakowski Hallal
Mestra em História
clarahallal@hotmail.com

RESUMO: O Brasil durante o período de 1956 a 1961 tinha como presidente Juscelino Kubistchek. Seu governo foi pautado pelo Plano de Metas, que tendia dar bases desenvolvimentistas para o Brasil. Como meta síntese tinha-se a construção da nova capital federal, Brasília. Essa foi construída sob os mais modernos padrões urbanistas, e, além disso, representava que todas as cidades do país, sejam interiores ou não, poderiam desenvolver-se, visto que Brasília, construída mesmo em meio ao sertão, conseguiu ser pensada, planejada e executada sob os ideais modernos perpassados da Europa e Estados Unidos e adaptados no Brasil. Chega-se então a cidade do Rio Grande, cidade que possuía uma economia considerável dentro do contexto do Brasil, visto que ainda que várias indústrias brasileiras tenham fechado no período estudado, a cidade conseguiu-se sobressair com a indústria pesqueira, ocasionando um desenvolvimento industrial e urbanístico dentro do contexto riograndino. Além disso, seu Porto configurava em termos de importância como o 3º do País. Dessa forma, questões como a urbanização, desenvolvimentismo e modernização estavam em pauta no contexto brasileiro, e pretende-se, então, analisar sob o prisma das fotografias do estúdio Casa Foto Rio Grande, importante estúdio da época e que fora contratado pela Prefeitura a fim de retratar as obras em curso da cidade, a representação da modernização e o possível desenvolvimento da cidade do Rio Grande evidenciado pelas fotografias.

PALAVRAS CHAVE: Brasil. Rio Grande. Modernização.

ABSTRACT: The Brazil during the period 1956 to 1961 had as President John F. Kennedy. His rule was marked by the Target Plan, which tended to developmental bases for Brazil. As a synthesis goal was the construction of the new capital, Brasília. This was built on the most modern planners patterns, and moreover, that represented all cities of the country, whether indoors or not, could be developed, since Brasilia even built amid the wilderness, could be conceived, planned and performed under ideal steeped in modern Europe and the United States and adapted in Brazil. Then one arrives at the city of Rio Grande, a city that had a considerable saving in the context of Brazil, as though several Brazilian industries have closed during the study period, the city was managed to stand out with the fishing industry, causing an industrial development and within the urban context Riograndino. Moreover, its port configured in importance as the 3rd of the country Thus, issues such as urbanization, modernization and developmentalism were on the agenda in the Brazilian context, and then we intend to analyze the prism of photographs studio House photo Rio Grande, major studio at the time and had been hired by the city in order to portray the works in progress of the city, the representation of modernization and the possible development of Rio Grande evidenced by photographs.

KEYWORDS: Brazil. Rio Grande. Modernization

Introdução

O mundo na década de 1950 recuperava-se de duas guerras¹, da crise de 1929², e no Brasil, especificamente, ocorreu o suicídio de Getúlio Vargas³ e em 1956 começou o mandato presidencial de Juscelino Kubistchek. A partir disso, podem-se delinear as questões tratadas neste trabalho, tais como: o governo do presidente Juscelino Kubitschek, o Plano de Metas, o desenvolvimentismo/desenvolvimento, modernização e o nacionalismo, todos os elementos entrelaçados à cidade do Rio Grande.

Para compreender e analisar o período estudado, 1956 a 1961, é necessário apresentar o Brasil e alguns dos aspectos de tal momento. O Brasil, nessa fase, teve como presidente Juscelino Kubistchek de Oliveira. O governo de JK tinha como lema “50 anos em 5”, cujo objetivo era proporcionar um grande crescimento econômico em apenas cinco anos de seu mandato. Além disso, buscava tomar a liderança do caminho da industrialização para si, adotando o papel reclamado anteriormente por Getúlio Vargas⁴.

No dia seguinte a posse, Juscelino lança o arrojado Plano de Metas, elaborado e coordenado por Lucas Lopes e Roberto de Oliveira Campos. Assim exemplifica Couto:

Trata-se de políticas setoriais e investimentos de infraestrutura, sobretudo em energia e transportes, priorizando também indústrias de base, alimentação e educação. Suas 31 metas estão assim desdobradas: *energia* (metas 1 a 5): energia elétrica e nuclear, carvão, produção e refino de petróleo; *transportes* (metas 6 a 12): construção e reequipamento de estradas de ferro, estradas de rodagem, marinha mercante, portos e barragens, transportes aéreos; *alimentação* (metas 13 a 18): trigo, matadouros, frigoríficos, mecanização, fertilizantes; *indústrias de base* (metas 19 a 29):

¹ Primeira Guerra Mundial: 1914-1918 e Segunda Guerra Mundial: 1939-1945

² No decorrer da Primeira Guerra Mundial, a economia norte-americana encontrava-se em pleno desenvolvimento. Após a guerra, houve modificações: após a reconstrução das nações europeias, essas, as grandes importadoras dos EUA, diminuíram drasticamente a importação de produtos industrializados e agrícola dos Estados Unidos. Esse, então, começou a aumentar os estoques dos produtos, e grande parte destas empresas possuíam ações na Bolsa de Valores de Nova York. Em outubro de 1929, percebendo a desvalorizando das ações de muitas empresas, houve uma correria de investidores que pretendiam vender suas ações. O efeito foi devastador, pois as ações se desvalorizaram fortemente em poucos dias. Pessoas muito ricas, passaram, da noite para o dia, para a classe pobre. O número de falências de empresas foi enorme e o desemprego atingiu quase 30% dos trabalhadores. (<http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/crisede29.htm>)

³ Foi presidente do Brasil durante: 1930-1945 e 1951 a 1954, tendo se suicidado nesse último ano.

⁴ Foi presidente do Brasil durante: 1930-1945 e 1951 a 1954, tendo se suicidado nesse último ano.

borracha, exportação de ferro, veículos motorizados, construção naval, maquinaria pesada e equipamento elétrico; *educação* (meta 30); e, finalmente, a construção de Brasília, meta-síntese (COUTO, 2011, p. 144).

O Plano de Metas tendeu a dar bases desenvolvimentistas para o Brasil, dentre os objetivos estava a expansão das metas de energia, alimentação, indústria de base e transporte para todo o Brasil, inclusive, para o interior. Importante ressaltar que não era um programa rígido, os objetivos poderiam ser modificados pelos responsáveis por cada pasta, à medida que fosse necessário, mas sempre tendo em mente o desenvolvimento do País.

Desde o início da década de 1950, o tema que centralizava as atenções no País era o desenvolvimentismo, isto é, a superação dos problemas sociais, do atraso econômico e cultural. Acreditava-se que, para liquidar a dependência econômica, só através da industrialização, e essa, nesse período, veio contígua com a modernização do Brasil.

O conceito de modernização é complexo e vários autores tentam discutir e problematizar questões pertinentes ao moderno. Primeiramente explicita-se a modernidade, para depois, entender-se a modernização.

É difícil definir um consenso quanto à datação histórica, porém, podem-se definir dois marcos da modernidade (BERMAN, 2007):

- século XV/XVIII: experimentação da vida moderna – começa em 1790 com a Revolução Francesa, instaura um profundo desejo de mudança e suscita reflexões sobre o poder.

- século XX: surge o conceito de modernização – abarcando a arte e a cultura.

Para Berman, todas essas transformações são definidas em modernidade e modernização, às vezes confundindo os termos. Entende-se então, a partir de leituras do próprio Berman, do autor Perry Anderson (1986) e Charles Baudelaire (2010), a modernização quando as relações entre Estado, artes e ciências se automatizam. A modernidade não tem ligação com o progresso, sendo mais um espírito e sentido de uma época. Nesse sentido, Campos descreve duas concepções pertinentes à modernização:

Na acepção leiga, modernizar significa atualizar os elementos da vida social, cultural, política e material no sentido sinalizado pelos países “adiantados”. Na acepção sociológica, a modernização resumiria as múltiplas

transformações sociais, econômicas, demográficas, culturais, comportamentais, institucionais e políticas que acompanha o processo de produção capitalista e as novas realidades e relações resultantes (CAMPOS, 2002, p.24).

Por conseguinte, nesse trabalho optou-se pelo termo modernização, porém, não de uma forma estagnada, assim, a modernização será analisada sob o ponto de vista de um projeto integral, ao mesmo tempo em que se refere à busca e acumulação de capital, busca-se a formação cultural e de identidade nacional não só da cidade do Rio Grande, mas sua relação com o restante do país e como esse projeto foi apresentado e representado através das imagens do estúdio Casa Foto Rio Grande.

A ideia de modernização da sociedade atravessava mentes e corações dos políticos e intelectuais, sejam de direita, sejam de esquerda. Não pode-se esquecer que o País vivia a euforia da construção de Brasília, traduzida como início de uma era modernizante no Brasil. Juscelino Kubistchek, o presidente de sonhos faustos, parecia ter contagiado alguns segmentos da sociedade brasileira, com o slogan de governo de fazer o Brasil crescer “cinquenta anos em cinco” (Revista Sapiência, set 2006).

JK, em sua trajetória política, destacou-se pelas suas ideias desenvolvimentistas e modernizantes. Marcia Stormowski explana:

O Plano de Metas representou o esforço do governo pela industrialização no Brasil. JK percebeu a possibilidade de continuar o desenvolvimento do País iniciado nos governos anteriores e, apesar da instabilidade política e crise do setor externo presentes quando assumiu a opção do governo não foi pela estabilização, mas pela promoção do crescimento acelerado. Diante do estágio avançado do processo de substituição de importações, além de continuar investindo na indústria de bens de capital e em infraestrutura, JK conduziu uma política econômica extremamente favorável às indústrias de bens de consumo duráveis (STORMOWSKI, 2011, p. 31).

O que ficava explícito, em seu programa de governo, é que JK visava à modernização brasileira. Para isso Anastasia sintetiza um dos alvos do Plano de Metas:

[...] era canalizar investimentos para o setor dos transportes, especialmente o rodoviário, e incentivar a indústria automobilística. A expansão da malha

rodoviária e a produção de caminhões, tratores e automóveis deveriam ser os eixos do desenvolvimento nacional, permitindo, via integração territorial, a criação de novos mercados (ANASTASIA, 2002, p.23).

Nesse sentido, o desenvolvimento da malha rodoviária foi o ponto mais bem sucedido dessa meta. A entrada da indústria automobilística no País acelerou, ainda mais, o processo da rede viária, e essa permitiria maior circulação até os pontos mais extremos do Brasil, fazendo com que, teoricamente, o desenvolvimento e o progresso fossem para todos.

Indo ao encontro do desenvolvimentismo, JK promulgou a 31ª meta, denominada meta síntese. Essa seria constituída pela criação da nova capital federal, Brasília, colocando em prática o que já determinava a constituição de 1891⁵.

Em 1956, o projeto foi lançado no Congresso e aprovado, com visível descrença. Entre 1956 e 1960, Brasília foi planejada, construída e entregue aos cidadãos brasileiros. Com a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília, JK afirmava que, com isso, pretendia desenvolver o interior do País, pois as capitais normalmente eram calcadas de pujança econômica.

Além disso, o novo centro de governo se manteria distante da pressão popular, evitando assim, confrontos, manifestações e uma possível derrocada do governo vigente. Dessa forma, Brasília seria o exemplo de que qualquer terra e região, por mais árida ou pobre que fosse, com os recursos e investimentos corretos, poderia desenvolver-se.

Rio Grande: 1956-1961

O objeto do trabalho, a cidade do Rio Grande, é marcado por sua posição geográfica estratégica, pois através de seu porto o comércio do sul do Brasil poderia se expandir. Outra face de sua trajetória é a crescente industrialização da cidade e a sua constante expansão demográfica que lhe proporcionou a imagem de cidade operária. Em seu desenvolvimento, no decorrer dos séculos XIX e XX, Rio Grande enfrentou muitos desajustes, um porto hostil à entrada de navios, crise nas indústrias local e principalmente grandes epidemias, de peste bubônica e outras doenças.

⁵A Constituição de 1891 determina que será transferida a capital da União, que era o Rio de Janeiro, para um ponto central do Brasil.

A primeira expansão da cidade ocorreu para oeste, entre os anos de 1874 a 1920, essa primeira fase industrial registrou o início da industrialização em Rio Grande e no Rio Grande do Sul, consolidado pela fundação da fábrica de tecidos Rheingantz. Com o crescimento da cidade, acabou imprimindo dessa maneira, uma forma peculiar, pois ainda que a cidade seja cercada de águas, Rio Grande não vivia as águas que tem, isto é, havia e ainda há ausência de construções legalizadas à beira d'água.

Ainda em tal período, houve alguns melhoramentos na cidade, tais como: iluminação a gás (1908), luz elétrica (1915) e o transporte urbano que até então era de tração animal e foi substituído em 1922 por bondes elétricos (Bittencourt, 2001, p. 62).

No decorrer da primeira do século XX, modificações urbanas estiveram presentes, como: construção do Porto Novo⁶ e a alteração das atividades industriais. A partir de 1930, ocorre desenvolvimento das empresas alimentícias e o setor pesqueiro, dando ênfase então a novas construções e a um novo desenvolvimento da cidade (MARTINS, 2006, p.169). Ainda no que tange ao setor industrial, esse sofreu um revés e desaceleração na década de 1950, sendo o setor pesqueiro o único sobrevivente à crise, chegando a absorver parte dos empregados das outras indústrias.

As modificações urbanas, nesse período e mais precisamente em Rio Grande, tem ligação direta com a questão industrial, pois conforme os processos históricos industriais ocorriam, a cidade se modificava, tanto positivamente como negativamente, como consequência de tais mudanças.

Dessa maneira, a industrialização da cidade, desde o século XIX até a atualidade, é dividida em quatro momentos: industrialização dispersa (1873 – 1930), industrialização restringida (1931-1959), implantação do distrito industrial ligado à indústria de fertilizantes (1970-2004) e o Polo Naval (2005 até a atualidade) (MARTINS, 2013).

Na industrialização restringida, foco principal deste estudo, a indústria pesqueira resistiu às intempéries industriais brasileiras e veio a fortalecer-se. A estagnação fabril de determinados setores e o investimento nas indústrias de base acabou culminando no fechamento de várias empresas industriais o que trouxe novas formas de ocupação espacial para a cidade, pondo fim à cidade planejada pela municipalidade sob até então inspiração do

⁶ O Porto Novo foi concluído em 1915.

urbanismo português, cedendo lugar a todo tipo de especulação fundiária sob os ditames da iniciativa privada e com participação direta das empresas fabris em crise.

Assim, apesar de várias indústrias têxteis e frigoríficos terem fechado suas portas na segunda metade da década de 1950, foram abertas, somente nesse período, em Rio Grande, três empresas de pescados, somando mais de 1000 operários.

Nessa mesma conjuntura, em Rio Grande, aumentava a oferta de lotes urbanos e, a cidade expandia-se para áreas mais longínquas do Centro Histórico. Rio Grande tinha, na década de 1950, uma população de 77.915 habitantes, sendo a população urbana de 65.950 habitantes. Na década de 1960, o município contava com 100.378 habitantes e, dentro da população urbana, constava 87.528 (BITTENCOURT, 2001).

Em 1957, houve oito novos loteamentos, sendo sete em zona urbana. Em 1958, quatorze novos loteamentos, sendo nove em zona urbana. Já, em 1959, doze novos loteamentos, e dois em zona urbana. Finalmente, em 1960 surgiram os primeiros loteamentos em maior escala (COPSTEIN, 2006, p.186). Assim, constata-se o aumento do número de loteamentos na cidade.

Nesse cenário, surgiam as vilas, porém o termo não estava ligado à periferia ou irregularidades escriturárias, como são comumente chamadas as favelas no Brasil, mas sim, terras regularizadas junto à Prefeitura Municipal, contudo, carecendo de infraestrutura urbana.

Entre 1956 e 1964, os portos do Rio Grande do Sul, mais especificamente os de Porto Alegre e Rio Grande, apresentavam uma singular relevância econômica e social. Diego Luiz Vivian explicita:

Em termos de tonelagem de mercadorias importadas e exportadas os portos de Porto Alegre e Rio Grande foram responsáveis, em 1950, por cerca de 9,26% do volume total das importações/exportações do Brasil. Em 1955 nota-se uma ligeira ampliação desta cifra, correspondendo a 9,59% de toda tonelagem movimentada em portos brasileiros. No ano de 1960, ainda que houvesse um decréscimo significativo nesses valores, a indústria portuária sul-rio-grandense ainda era responsável por 6,45% do total da movimentação portuária no País (VIVIAN, 2008, p. 14).

O autor destacou que os portos de Porto Alegre e Rio Grande estavam, nesse período, entre os principais do Brasil, processando parte do escoamento das mercadorias que

chegavam ou saíam desses locais. Devido a isso, foram construídas e estruturadas redes de comunicação rodoviária, ferroviária, assim como armazéns para o condicionamento dessas cargas.

Elementos modernizadores no cenário da urbe

Apresenta-se, então, a primeira fotografia do estúdio casa Foto Rio Grande, datada de 1960. Consta nos registros da Fototeca Municipal de Rio Grande que a partir de 1950 foi encomendado um conjunto de fotografias urbanas da cidade. Aqui está a imagem:

Fotografia 1: Rua Andradass, 1959. Estúdio Casa Foto Rio Grande.



Fonte: Fototeca Municipal de Rio Grande.

A foto acima exposta foi realizada na Rua Andradass, importante centro comercial da cidade, mais precisamente, o que seria o próprio calçadão⁷. Em primeiro plano, tem-se uma série de “lambretas”⁸, símbolo da juventude moderna da década de 1950. Em segundo plano,

⁷ O calçadão, como hoje é conhecido, sendo uma rua sem tráfego de carros, só foi existir no final da década de 1960.

⁸ A Lambretta foi a primeira fábrica de veículos no Brasil, saindo na frente até mesmo da indústria automobilística. A implantação da fábrica Lambretta do Brasil S.A.- Indústrias Mecânicas, em 1955, como uma

observa-se o comércio adjacente em torno. Chama a atenção à arquitetura mal conservada dos prédios expostos. A escolha do enquadramento e luminosidade confere as lambretas um brilho e destaque especial na imagem.

Também é possível observar alguns olhares de pedestres para as lambretas e também certo espanto do menino à direita para o fotógrafo. Além disso, nota-se uma distinção clara entre a calçada e o leito, e ainda é evidente o acúmulo de sujeira na denominada “valeta” da calçada. Conferindo, assim, um descuido para com essa rua fotografada.

Tais observações são vistas apenas com um primeiro olhar para essa fotografia, pois, no plano de conteúdo, nota-se certa transgressão do fotógrafo com o seu objetivo inicial: obter fotografias da visualidade urbana, sob encomenda da prefeitura. Obviamente, em nenhum registro foi constatado que tais imagens teriam que ser obrigatoriamente do possível desenvolvimento da cidade, porém, é fato que a prefeitura não iria solicitar encomenda de imagens que não mostrassem o belo e o moderno, visto que existia todo um discurso modernizador em voga na cidade no período estudado.

Outro elemento considerado moderno que está presente na fotografia é o alargamento da rua. O jornal *Rio Grande* explicita que, em 28 de março de 1959, foi concluído o processo de alargamento do centro urbano da cidade do Rio Grande, a fim de proporcionar uma melhoria no tráfego intenso que começava a surgir na cidade (JR, 28 de março de 1959, p.6).

Em virtude disso, ressalta-se, na imagem, a ideia do antigo (prédios mal cuidados e pintura descascando) x novo (lambretas, alargamento das ruas, símbolo do moderno). Também se destaca o espanto dos transeuntes com o novo, seja na forma das lambretas ou até o estranhamento para com o fotógrafo presente no cenário que seria de passagem.

Assim, é possível afirmar que o fotógrafo pode ou não interferir naquilo que fotografa. Nesse caso específico, o olhar do profissional acabou modificando todo o entendimento para com a fotografia.

A respeito disso, Charles Monteiro, ao analisar Porto Alegre da década de 1930, ressalta alguns elementos modernos presentes na cidade, que chegariam a Rio Grande após a década de 1950:

licenciada da Inocenti, no bairro da Lapa em São Paulo, coincidiu com a moda mundial da motoneta (em inglês, *scooter*), na década de 50. A produção entre 1958 e 1960, o apogeu da marca, superou a quantidade de 50.000 unidades/ano. (<http://www.lambrettatradicionalbrasil.com.br/historia.htm>)

[...] fica evidente através dos discursos veiculados pela imprensa escrita que a abertura das novas avenidas e das obras de alargamento, prolongamento e calçamento das antigas ruas, eram um símbolo do projeto de modernização da burguesia e da elite dirigente; uma fantasmagoria da cultura burguesa. Nelas vê-se no plano físico a projeção dos ideais de normatização e controle da sociedade, mais especificamente das classes populares, e de modernização das formas de sociabilidade pública no espaço urbano (MONTEIRO, 1995, p.109).

Dado o exposto, nota-se, obviamente, que Porto Alegre desde a década de 1930, até antes, já apresentava seu projeto moderno. Em Rio Grande, talvez, esses ideais modernos, visto a imagem apresentada, estavam chegando e com limitações.

A próxima imagem apresentada é aérea, possivelmente realizada em um helicóptero e discorre sobre o Porto Novo e não tem data específica, porém é do final da década de 1950.

Fotografia 2: Imagem aérea Porto Novo, década 1950. Estúdio Casa Foto Rio Grande.



Fonte: Fototeca Municipal de Rio Grande

Nessa imagem, em um primeiro plano, estão vários galpões e fábricas, evidenciando, assim, a conjectura industrial do período. As indústrias pesqueiras alojaram-se em torno deste local, porque era mais fácil o escoamento da produção. A cidade, na década de 1950, expandia-se para o oeste, novos loteamentos eram criados para dar conta do crescimento da

população urbana, que cresceu em mais de 22.000 habitantes. Em um segundo plano, estão o mar e alguns terrenos que indicam estarem desabitados.

Ainda no plano de expressão dessa fotografia, primeiramente, nota-se que o fotógrafo está em nível superior ao do objeto fotografado. Possivelmente está em um helicóptero em baixa altitude. É uma fotografia retangular, a fim de contemplar a vasta área portuária. Ainda, a imagem está em preto e branco, e, como primeiro plano, duelam as construções das fábricas/galpões com a Laguna dos Patos, local onde prioritariamente era feito o escoamento da produção.

O plano de conteúdo perpetua várias ideias importantes; primeiro alguns barcos atracados junto ao Porto, talvez o fotógrafo tenha escolhido um determinado dia e horário em que tais embarcações estivessem arremetidas no Porto para assim o observador da fotografia realmente conseguir compreender que o novo Porto era bastante usado para o escoamento da produção.

No lado esquerdo da foto, veem-se várias construções, galpões e fábricas. Nota-se que todas estão alinhadas e obedecem a um padrão desde o telhado a suas fachadas. Ao lado direito, há terrenos vazios, então, novamente as questões da cidade nova e antiga estão disputando espaço nessa fotografia.

Porém, a imagem transmite a impressão de infinito. Ou seja, que o local é possível de expansão, sem limites. Além disso, nessa foto, vê-se um crescimento de outra face da cidade, para além dos limites do centro.

Dessa maneira, pode-se compreender que as escolhas técnicas do fotógrafo acabam por dar diversos sentidos atribuídos a fotografia. Nisso, tem-se a conotação “isto é, a imposição de um segundo sentido à mensagem fotográfica propriamente dita, que elabora-se nos níveis de produção da fotografia [...]: ela é, em suma, uma codificação do análogo fotográfico” (BARTHES, 1984, p. 15-17).

Por conseguinte, o resultado da análise de fotografias e cultura visual, como um todo, é uma narrativa completamente diferente da inicial. Antes só se tinha uma fotografia e/ou texto, agora, tem-se o tempo da própria imagem, o tempo do pesquisador e, por fim, a junção desses tempos, e o resultado final é uma narrativa completamente nova, reunindo três tempos diferentes.

Ao analisar fotografias, não basta olhar para as mesmas, pois as respostas não surgirão. É necessário analisar diversas vezes e sempre “olhar” essa fotografia de acordo com o contexto apresentado.

A análise da imagem dependerá do espectador (pesquisador) e sua vivência e relação com o mundo. Por isso, que a contextualização do espaço temporal da fotografia a ser analisada é fundamental, fornecendo bases e subsídios no momento do exame do retrato.

Miriam Moreira Leite, dentro dessa perspectiva, conclui:

Como ao olhar retratos, quem olha está sempre a procura de uma relação entre ela e a imagem, cada uma verá parcelas e níveis diferentes da fotografia. A câmera funciona como uma extensão do olhar. Mas o olhar, que também é seletivo, funciona ao mesmo tempo que os outros sentidos e dentro de um contexto espacial e temporal que enriquece as impressões da imagem mental com inúmeros outros aspectos (MOREIRA LEITE, 1994, p.139).

Dessa forma, os fotógrafos são narradores, fazendo com que seu olhar, representado pela lente fotográfica, seja um “instante” daquela paisagem/objeto. Nessa mesma linha de pensamento, Paulo Knauss (2006, p.113) salienta “[...] que o olhar é múltiplo e que requer conhecer características intrínsecas às imagens, mas também admitir que a visão necessita ser preparada para ver e analisar as imagens.”. Não basta olhar e querer descobrir os diversos significados das imagens, mas sim é indispensável analisar o contexto e o suporte documental, a fim de poder preparar o olhar para avaliar as fotografias. A fim de compreender melhor as questões das obras de embelezamento será analisada uma fotografia do estúdio Casa Foto Rio Grande que apresenta algumas singularidades:

Fotografia 3: Praça Xavier Ferreira. Estúdio Casa Foto Rio Grande, 1958.



Fonte: Fototeca Municipal de Rio Grande

Essa imagem foi extraída dos arquivos do estúdio Casa Foto Rio Grande. Consta nos arquivos que a fotografia é de 1958 e da Praça Xavier Ferreira. Também está anexado às informações que a praça e as ruas em seu entorno, na área central, sofreram reformas e modificações. Não estão evidenciadas quais reformas, porém a fotografia indica algumas questões a serem consideradas.

Importante reprimir que o estúdio fora contratado pela prefeitura a fim de fotografar e registrar a cidade, como um todo. Obviamente, a escolha dos lugares a serem fotografados foi do órgão, contudo, o enquadramento, luminosidade e planos é escolha do profissional.

Primeiramente, a análise dos elementos formais indica que a imagem possui tamanho médio, preta e branca e a luz da rua está sendo usada de forma que sobressaia a praça e alguns prédios em torno da mesma. O fotógrafo está em um plano superior ao objeto fotografado e a imagem foi capturada em plano aberto.

Em primeiro plano, evidenciam-se alguns prédios de estatura baixa à mediana, má conservação dos mesmos e também a imagem apresenta um pequeno perfil da praça. Ao segundo plano, está a cidade de uma forma geral.

Quanto ao conteúdo subtendido nessa imagem, pode-se observar má conservação dos prédios, praça bem cuidada e razoavelmente arborizada. Existe um terreno vazio e a praça

está de acordo com os conceitos modernos em voga: em forma de esplanada, bem cuidada, árvores na quantidade adequada e iluminada.

Outro elemento a ser observado: a rua ao lado da praça é mais larga do que a sua continuidade, assim conforme está indicada nas informações da imagem, a rua sofreu reformas por volta de 1958. Um dos elementos notórios do moderno nos anos 1950 é o alargamento das ruas, principalmente para dar espaço para os novos carros – mais velozes – que estavam surgindo. E, também, nota-se, na fotografia, a presença de asfaltamento, outro elemento moderno e inovador.

Bittencourt, ao analisar a espacialidade de Rio Grande, conclui que, a partir de 1950, “as ruas centrais deixam de ser um espaço onde outrora se forjava uma cultura popular para serem vistas como espaços de circulação remetidos às esferas de consumo e do trabalho” (BITTENCOURT, 2007 p 81-82).

Dessa maneira, era necessário haver as reformas, como ampliação das ruas e até a iluminação, visto que devido ao desenvolvimento industrial, o horário do trabalho expandia-se, e era necessária a luz artificial para os trabalhadores circularem pelas vias urbanas. Além disso, com o possível desenvolvimento da cidade, oriundo da industrialização, amplia-se o poder de consumo; novos carros e cada vez mais velozes, circulam pela urbe, e as ruas precisam estar adequadas para esse novo patamar.

A respeito da leitura espacial da cidade moderna, Berman (2007) defende que, dentro do mundo moderno e modernizador, é necessária a existência de contextos sociais, ambientes e espaços públicos destinados aos homens do mundo moderno, onde possam encontrar-se e reafirmar seu papel nesses novos ideais. As ruas, assim, seriam uma possibilidade de leitura a despertar esperanças, onde seria possível encontrar significados, liberdade e beleza.

Por conseguinte, os novos elementos da Praça Xavier Ferreira contrastam: o prédio antigo, deteriorado versus a nova praça; a rua antiga, estreita em contraste com a nova alameda, ampla, larga, permitindo o tráfego de veículos, outro indício do moderno dos anos 1950. Dessa maneira, o imaginário de quem vivencia as reformas de embelezamento das ruas é “ressignificado” a todo o instante, seja através das imagens produzidas ou pela própria experiência. Aprofundando o assunto, Lucrecia Ferrara salienta:

Assim, o imaginário sobre uma cidade não a reproduz, mas, estimulado pelos seus fragmentos/índices, produz discursos que com ela interagem. Uma espécie de diálogo insólito porque, no primeiro momento, o usuário é emissor e receptor ao mesmo tempo e, apenas com o registro da memória, esses discursos se transformam em arquétipos culturais. Assim sendo, o imaginário dialoga, em última instância, com a história urbana (FERRARA, 2000).

Nesse caso, Lucrécia afirma que o imaginário por si só não reproduz os sentidos e vivências de uma cidade, porém, estimulado, por exemplo, por imagens, o imaginário adquire vida e ganha status de memória, dialogando, assim como no caso da imagem apresentada, com a história urbana, visto que, com o registro visual das reformas urbanas em curso, a memória e a experiência seria passada e repassada pelos habitantes além dos limites fronteiriços da cidade.

Apresenta-se a última fonte desse subtítulo. Uma fotografia do estúdio retratando o momento de entrega do mercado público, visto que este desde 1950 encontrava-se em processo de reforma, porém, entre 1956 a 1959 houve aplicação de capital federal nas obras, ocasionando, assim, a reinauguração do espaço em março de 1959 (JR, 20 março 1959).

Fotografia 4: Mercado Público Municipal de Rio Grande, 1959.



Fonte: Estúdio Casa Foto Rio Grande.

A fotografia é colorida, de tamanho grande, e apresenta, como primeiro plano, um grupo de pessoas do sexo masculino aparentemente olhando/escolhendo flores. Ao fundo, a doca do mercado, que funcionava a banca do peixe, onde eram comercializados esses produtos. A imagem, conforme explicitado, retrata o dia da inauguração do mercado e só apresenta pessoas do sexo masculino. Isso se deve, possivelmente, porque as mulheres até deviam frequentar o local, mas em dias de compras, e não no dia da inauguração, visto que essa remete a questões do poder público e comércio, situações predominantes da esfera masculina.

As flores apresentadas na imagem adquirem a conotação de renovação e beleza do espaço. E nota-se que as pessoas fotografadas estão elegantes e bem vestidas, dando atribuição formal para o evento. Nesse caso, a imagem fornece uma representação visual do evento: inauguração importante e possivelmente marcando novos ideais modernos para a cidade, fato comprovado pelas flores e grupo de pessoas prestigiando o evento. A respeito da representação, Ankermith salienta:

A representação contém a verdade, mas também pode fazer algo com ela. [...] a representação pode brindar-nos com uma perspectiva sobre o mundo convidando-nos a certo tipo de ação. A representação é o ‘elo perdido’ entre o que é e o que deveria ser, leva-nos à criatividade e ao uso retórico da linguagem, nos quais a linguagem pode comover-nos e ser uma fonte de alegria ou tristeza (ANKERMITH, 2012, p. 223).

A representação contém a verdade, porém não é somente a verdade. Assim, essa fotografia fornece informações e pistas para questionamentos e análises. Pelas flores, vestuário e grupo de pessoas pode-se compreender a importância do evento retratado. Nesse sentido, Baczko explica que:

Exercer um poder simbólico não consiste meramente em acrescentar o ilusório a uma potência “real”, mas sim em duplicar e reforçar a dominação efetiva pela apropriação dos símbolos e garantir a obediência pela conjugação das relações de sentido e poderio (BACZKO, 1985, p. 298 – 299).

Dessa maneira, Ankermith e Baczko ainda que sejam de gerações diferentes, complementam-se. O primeiro elucida que a representação pode fornecer ou auxiliar com uma perspectiva sobre o fato narrado, o segundo, explica que não basta acrescentar o imaginário a um objeto real, mas tem que se levarem em conta os símbolos. E indo além, se o desejo for, como no caso da fotografia explicitada, narrar um determinado fato para a população, e que o mesmo não seja distorcido o representado de maneira diferente do desejado, é necessário obediência, e essa só ocorrerá, se todos os símbolos (flores, vestuário) estiverem bem representados e estabelecidos.

Considerações Finais

Como constatado até o momento, Rio Grande foi palco de inúmeras intervenções estéticas e/ou de infraestrutura no recorte temporal dessa pesquisa (1956-1961). As fontes estudadas ajudam a compreender e problematizar aquela realidade. Desde o início do século XX as reformas urbanas eram fotografadas, porém, a partir de 1950, devido ao advento das técnicas fotográficas e de reformas mais amplas, que abarcavam toda a estrutura da cidade, as transformações foram amplamente fotografadas. Tinham dupla função: evidenciar para a população que as reformas e, conseqüentemente a modernização estava ocorrendo. Assim como, que as cidades ficassem cientes do desenvolvimento das outras urbes, funcionando como uma espécie de concorrência, quem chegaria ao ideal moderno mais rápido.

O ideal moderno era representado por diversos elementos, como: reforma de um prédio, construção de novos bairros, porém, a cidade ideal, aquela que serviria como exemplo para as outras, existiu mais na imaginação do que na realidade. Analisou-se como as representações constroem e desconstroem realidades conforme a necessidade dos mandatários. Viu-se que conforme o interesse da prefeitura, uma determinada fotografia seria constituída. Obviamente respeitando que as vivências, desejos e técnicas do fotografo, o obtentor da imagem, tem que ser levadas em conta.

Brasília cumpriu o papel imaginário e modelar, como se fosse o exemplo do espetáculo máximo do poder e modernização brasileiros. Ao mesmo tempo em que as cidades baseavam-se em Brasília, também a usavam como motivo direto do governo não interferir nos problemas da urbe, nesse caso, na cidade do Rio Grande.

Como fonte, o trabalho expôs fotografias de estúdio, encomendadas pela prefeitura. Percebeu-se que o motivo de tais encomendas era retratar as reformas urbanas em curso. Possivelmente, antes do fotógrafo dirigir-se ao ambiente a ser retratado, havia uma série de exigências e normativas que deveriam constar na imagem. Elementos como a presença de lambretas, alargamento das ruas, desenvolvimento e ampliação do porto, poderiam servir como provas que a cidade do Rio Grande estava nessa busca, quase que utópica, do moderno. Porém, elementos como prédios antigos e espaços não ocupados indicam que ou o fotógrafo descuidou-se na hora do click ou tinha por intenção utilizar-se dessa mesma imagem para demonstrar que nem tudo era belo como a prefeitura ansiava mostrar nas imagens.

A pesquisa mostrou que as fotografias serviam para mostrar como a cidade se engajou no projeto moderno modelado por Brasília, mas que os problemas de infraestrutura não desapareciam. A burocracia, principalmente do governo federal, impedia que situações como esgoto, pavimentação das ruas, energia elétrica, distribuição de água e educação fossem tratados. Assim, enquanto prédios e loteamentos eram construídos, problemas como, limpeza e conservação das ruas não eram solucionados.

As fotografias registraram elementos como: verticalização dos prédios, a presença da lambreta na cidade, alargamento das ruas, iluminação pública e atualização das praças. Porém, notou-se, uma possível corruptela por parte dos fotógrafos, pois, situações como prédios abandonados e terrenos baldios foram percebidas nas imagens. Dessa forma, se o objetivo era mostrar o belo, oriundo das novas reformas, a modéstia do antigo também foi evidenciado pelas fotografias do estúdio. Nota-se então, que na cidade do Rio Grande o antigo e novo faziam parte da constituição moderna da cidade.

Foi possível perceber que os discursos da modernização não eram simplesmente intenções, mas sim, organização de forças, seja dos governos ou da população, pois esta, através das fotografias do estúdio, poderia sentir-se parte integrante desse ideal e participar, visto que na industrialização, cidadãos, governos e projetos de urbanização estão interligados no mesmo processo.

Por conseguinte, para este momento, foram essas as análises percorridas desse trabalho. Obviamente que é um trabalho em permanente construção, porém, acredita-se que os objetivos propostos foram cumpridos, e novos e atualizados debates poderão ser oriundos desse trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. **A cidade do Rio Grande: uma abordagem histórico-historigráfica**. Rio Grande: Universidade do Rio Grande, 1997.

ANASTASIA, Carla Maria Junho. De Drummond a Rodrigues: venturas e desventuras dos brasileiros no governo JK. In: MIRANDA, Wander Melo (org). **Anos JK: margens da modernidade**. São Paulo: Imprensa Oficial/Casa de Lúcio Costa, 2002.

ANKERSMIT, F. R. **A escrita da história; a natureza da representação histórica**. Londrina: UEL, 2012.

BACZKO, Bronislaw. “**A imaginação social**” In: Leach, Edmund et al. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Lisboa: Edições 70, 1981.

_____.A mensagem fotográfica. In: **O Óbvio e o Obtuso**. Lisboa: Edições 70, 1984.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BITTENCOURT, Ezio. **Da Rua ao Teatro: os prazeres de uma cidade – sociabilidades & cultura no Brasil Meridional**. Rio Grande: Ed. da Furg, 2001.

CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade**. Urbanização e Modernização em São Paulo. São Paulo, SENAC, 2002, p. 24.

COPSTEIN, Rafael. **Evolução Urbana de Rio Grande**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n.122, p.43-68, 1982.

COUTO, Ronaldo Costa. **Juscelino Kubitschek**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara: Senado Federal, Edições Técnicas, 2011.

FERRARA, Lucrecia D’Alessio. Cidade: imagem e imaginário. In: **Os significados urbanos**. São Paulo: Editora USP/FAPESP, 2000. p.115-131.

KNAUSS, Paulo. **A escultura no campo ampliado**. In: Gávea, nº1, Rio de Janeiro, 1985.

_____.**O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual**. ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006

MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873 – 1990)**. Rio Grande: Editora da Furg, 2006.

_____. Rio Grande (RS) e suas Paisagens Urbanas: a cidade portuária, seus períodos industriais e suas espacialidades. In: ALVES, Francisco das Neves (Org). **Seminário Cultura e Identidades**. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2013.

MONTEIRO, Charles. Porto Alegre: urbanização e modernidade. A construção social no espaço urbano. **Coleção História 4**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

MOREIRA LEITE, Miriam. Leitura da fotografia. **Estudos Feministas**. Ano 2, 130, 2º semestre 1994.

PELLISSARI, Marina Kruger. A “**mais fina sociedade riograndina**” e suas representações: a vida social da elite de Rio Grande - RS (1956 a 1960). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS, 2012.

Revista Sapiência, setembro de 2006, Nº 9, Ano III. Informativo científico da FAPEPI.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Getúlio a Castelo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

STORMOWSKI, Marcia Sanocki. **Interpretações sobre a pobreza na época do desenvolvimentismo**: análise dos discursos de Vargas e JK. Tese Doutorado, UFRGS, 2011.

VIVIAN, Diego Luiz. **Indústria portuária sul-rio-grandense**: portos, transgressões e a formação da categoria dos vigias de embarcações em porto alegre e rio grande (1956 - 1964). Dissertação, UFRGS, Porto Alegre, 2008.